

TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS EM MORRO REUTER, RS - BRASIL

OPPOSITIONAL DEFIANT DISORDER: PEDAGOGICAL POSSIBILITIES IN MORRO REUTER, RS – BRAZIL

TRASTORNO NEGATIVISTA DESAFIANTE: POSIBILIDADES PEDAGÓGICAS EN MORRO REUTER, RS - BRASIL

Ana Maria Gonçalves Ferreira¹

Zelinda Albrecht²

Cláudio Gerhardt³

RESUMO: Este estudo busca compreender as características do Transtorno Opositor Desafiador (TOD) e identificar comportamentos manifestados na rotina escolar, visando organizar ações que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e emocional. Realizou-se um estudo de caso qualitativo com um estudante do quarto ano do Ensino Fundamental, analisando interações em sala, impactos sobre a turma e estratégias docentes. Os resultados evidenciam a necessidade de ampliar práticas pedagógicas voltadas a estudantes neurodivergentes, promovendo aprendizagens significativas e reduzindo situações de sofrimento. Conclui-se que a compreensão do TOD no contexto escolar demanda abordagens interdisciplinares e inclusivas, capazes de potencializar o desenvolvimento integral e contribuir para uma educação mais equitativa.

1

Palavras-chave: Neurodivergência. Escola. Interdisciplinar. Opositor. Desafiador.

ABSTRACT: This study aims to understand the characteristics of Oppositional Defiant Disorder (ODD) and identify behaviors manifested in the school routine, in order to organize actions that foster cognitive and emotional development. A qualitative case study was conducted with a fourth-grade student in mainstream education, analyzing classroom interactions, impacts on peers, and teaching strategies. Results highlight the need to expand pedagogical practices for neurodivergent students, promoting meaningful learning and reducing situations of distress. It is concluded that understanding ODD in the school context requires interdisciplinary and inclusive approaches that enhance students' integral development and contribute to a more equitable education.

Keywords: Neurodivergence. School. Interdisciplinary. Oppositional. Defiant.

¹ Graduada em Letras. Especialista em Neurociências e Educação, Coordenação pedagógica e Atendimento educacional Especializado. Professora da rede municipal de ensino de Morro Reuter.

² Graduada em Letras. Especialista em Educação Inclusiva e Atendimento educacional Especializado. Professora da rede municipal de ensino de Morro Reuter.

³ Doutorando em Informática na Educação PPGIE/UFRGS. Supervisor Educacional da rede municipal de São José do Hortêncio.

RESUMEN: Este estudio busca comprender las características del Trastorno Negativista Desafiante (TND) e identificar los comportamientos manifestados en la rutina escolar, con el fin de organizar acciones que favorezcan el desarrollo cognitivo y emocional. Se realizó un estudio de caso cualitativo con un estudiante de cuarto grado de educación básica, analizando interacciones en clase, impactos en el grupo y estrategias docentes. Los resultados evidencian la necesidad de ampliar las prácticas pedagógicas dirigidas a estudiantes neurodivergentes, promoviendo aprendizajes significativos y reduciendo situaciones de sufrimiento. Se concluye que la comprensión del TND en el contexto escolar requiere enfoques interdisciplinarios e inclusivos que potencien el desarrollo integral y contribuyan a una educación más equitativa.

Palabras clave: Neurodivergencia. Escuela. Interdisciplinario. Oposicional. Desafiante.

INTRODUÇÃO

A sala de aula configura-se como um espaço privilegiado de múltiplas possibilidades para ensinar e aprender, constituindo-se em ambiente no qual emergem experiências diversas relacionadas a deficiências, neurodivergências e necessidades educacionais específicas. Nesse contexto, a prática docente é constantemente desafiada a lidar com situações complexas que exigem reflexão e inovação pedagógica. A escolha de um caso para investigação não é simples, diante da variedade de situações presentes no cotidiano escolar; optou-se, portanto, por um caso que suscita incertezas e provoca questionamentos, tornando-se relevante para análise acadêmica.

2

A presente pesquisa insere-se no campo da neurodivergência, entendida como a diversidade natural do funcionamento cerebral, e tem como foco o Transtorno Opositor Desafiador (TOD). O estudo concentra-se em um estudante de nove anos, matriculado no quarto ano do Ensino Fundamental da rede regular de ensino, cuja trajetória escolar evidencia desafios significativos para o processo de ensino e aprendizagem.

Este artigo desenvolve um estudo de caso qualitativo com o objetivo de compreender as características do TOD, identificando os comportamentos manifestados na rotina escolar e propondo ações que potencializem o desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Busca-se, ainda, analisar o impacto das emoções no desempenho acadêmico, apresentando condutas docentes que favoreçam o manejo emocional e contribuam para uma convivência mais positiva no ambiente escolar.

Parte-se da hipótese de que aprendizagens que integrem o desenvolvimento socioemocional e cognitivo podem colaborar para que estudantes com TOD desenvolvam

habilidades de convivência, empatia e tomada de decisões conscientes. Nesse sentido, a pesquisa também enfatiza competências que auxiliam crianças e adolescentes a relacionarem-se de forma saudável com seus colegas, a valorizar as diferenças e a construir interações pautadas no respeito e na cooperação, elementos fundamentais para uma educação inclusiva e equitativa.

Aqui destaca-se duas das dez competências gerais da Base Nacional Comum Curricular, que são favoráveis à intenção da pesquisa, ou seja, indicar caminhos para a aprendizagem de um estudante com o Transtorno Opositor Desafiador. As competências afirmam que

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções

e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p. 10)

Essas competências evidenciam a relevância de práticas pedagógicas que integrem dimensões cognitivas e socioemocionais, favorecendo não apenas o desempenho acadêmico, mas também a formação integral dos estudantes. No caso específico do TOD, tais diretrizes reforçam a necessidade de estratégias que auxiliem o estudante a desenvolver habilidades de autorregulação emocional, convivência positiva e tomada de decisões conscientes, aspectos fundamentais para sua inclusão e sucesso escolar.

3

A presente pesquisa inaugura uma discussão interdisciplinar, uma vez que sua proposta ultrapassa os limites da sala de aula e considera a importância dos recursos humanos disponíveis, incluindo profissionais especializados e terapias acessíveis ao estudante. Nesse sentido, busca-se planejar estratégias articuladas com diferentes áreas de atuação, de modo a contribuir efetivamente para a melhoria do desempenho escolar dos estudantes com a neurodivergência em foco.

Os dados serão coletados por meio de entrevistas realizadas com a coordenadora pedagógica da escola e com o próprio estudante, compondo o corpus do estudo de caso. A análise será qualificada a partir das competências socioemocionais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como de referenciais teóricos que discutem o impacto das emoções no processo de aprendizagem.

O propósito central deste artigo é propor estratégias pedagógicas fundamentadas no conhecimento empírico do caso e em referenciais bibliográficos, de modo a sugerir práticas

docentes que favoreçam o sucesso escolar de estudantes com Transtorno Opositor Desafiador. Pretende-se, assim, promover uma convivência positiva entre os sujeitos envolvidos, fortalecer vínculos afetivos e ampliar as oportunidades de desenvolvimento cognitivo, em consonância com os princípios da educação inclusiva.

Dessa forma, este estudo organiza-se em cinco seções principais. A revisão da literatura apresenta o estado da arte sobre o Transtorno Opositor Desafiador e a neurodivergência, destacando os objetivos da pesquisa e os referenciais teóricos necessários para sua fundamentação. A seção de método descreve com precisão o delineamento qualitativo adotado, os participantes, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise, garantindo transparência e rigor científico. Em seguida, os resultados são expostos em sequência lógica, por meio de descrições e representações que evidenciam os comportamentos observados, sem interpretações antecipadas. A seção de discussão e conclusões relaciona os achados com estudos relevantes, apontando contribuições, limitações e possibilidades para pesquisas futuras, sempre vinculando as conclusões aos objetivos propostos. Por fim, as referências, assegurando a qualidade e a atualidade das fontes utilizadas.

2. TRANSTORNO OPOSITOR DESAFIADOR: FUNDAMENTOS CONCEITUAIS E IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

4

A discussão sobre neurodivergência tem ganhado relevância crescente no campo educacional, especialmente no contexto da educação inclusiva. O conceito de neurodivergência refere-se à diversidade natural do funcionamento cerebral, abrangendo condições como Transtorno do Espectro Autista, TDAH e Transtorno Opositor Desafiador (TOD). No caso específico do TOD, trata-se de um padrão persistente de comportamentos negativistas, desafiadores e hostis, que se manifestam de forma recorrente em ambientes escolares e familiares, impactando diretamente as relações sociais e o processo de aprendizagem. A inclusão de estudantes com TOD na rede regular de ensino exige práticas pedagógicas diferenciadas, capazes de promover tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o socioemocional, além de estratégias de manejo que favoreçam a convivência positiva em sala de aula.

O Transtorno Opositor Desafiador (TOD) é definido pelo *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5) como um padrão recorrente de comportamento negativista, desafiador e hostil, geralmente direcionado a figuras de autoridade, que persiste por

pelo menos seis meses e interfere significativamente nas relações sociais e acadêmicas (American Psychiatric Association, 2014). Entre suas principais manifestações estão a recusa em obedecer regras, a tendência a discutir com adultos, a irritabilidade frequente e a dificuldade em assumir responsabilidades por seus atos. Tais características, quando presentes em contexto escolar, repercutem diretamente na dinâmica da sala de aula, exigindo dos docentes estratégias específicas de manejo e intervenção.

No campo educacional, o TOD representa um desafio para a efetivação da inclusão escolar, uma vez que os comportamentos opositores podem comprometer tanto o processo de aprendizagem individual quanto o coletivo. Pesquisas recentes destacam que estudantes com esse diagnóstico demandam práticas pedagógicas que integrem o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, favorecendo a autorregulação emocional e a convivência positiva com colegas e professores (Gomes, Silva e Pires, 2025). Nesse sentido, a escola é chamada a ampliar seu repertório de estratégias, promovendo ambientes de aprendizagem que valorizem a diversidade e que estejam alinhados às competências socioemocionais previstas pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

A articulação entre a conceituação clínica do TOD e sua dimensão educacional evidencia a necessidade de abordagens interdisciplinares. O manejo pedagógico não pode restringir-se à disciplina comportamental, mas deve considerar práticas que estimulem a empatia, o diálogo e a cooperação, elementos fundamentais para a inclusão e para o desenvolvimento integral dos estudantes. Assim, compreender o TOD no contexto escolar implica reconhecer que a neurodivergência não é apenas um diagnóstico clínico, mas também uma realidade que demanda respostas educativas inovadoras e comprometidas com a equidade.

Além da definição clínica apresentada pelo DSM-5, o Transtorno Opositor Desafiador (TOD) tem sido objeto de crescente atenção na área educacional, sobretudo em contextos de inclusão escolar. Pesquisas apontam que os comportamentos opositores e desafiadores não devem ser compreendidos apenas como manifestações de indisciplina, mas como parte de uma condição neurodivergente que exige abordagens pedagógicas específicas (Utzig *et al.*, 2022). Essa perspectiva desloca o foco da punição para a construção de estratégias que promovam autorregulação emocional, desenvolvimento cognitivo e convivência positiva.

No ambiente escolar, o TOD repercute em diferentes dimensões: na relação professor-estudante, na interação entre colegas e na organização da rotina pedagógica. Gomes, Silva e

Pires (2025) destacam que a presença de estudantes com esse diagnóstico evidencia tensões entre a legislação inclusiva e as práticas escolares, reforçando a necessidade de políticas educacionais que garantam suporte interdisciplinar. Nesse sentido, a escola é chamada a atuar como espaço de acolhimento, onde o manejo das emoções e a valorização da diversidade se tornam elementos centrais para o sucesso da aprendizagem.

Outro aspecto relevante discutido na literatura é a importância da formação docente. Estudos indicam que professores frequentemente se sentem despreparados para lidar com comportamentos desafiadores, o que pode gerar sentimentos de frustração e desgaste emocional (Machado et al., 2025). A capacitação contínua, aliada ao suporte institucional, é apontada como condição essencial para que práticas pedagógicas inclusivas sejam efetivamente implementadas.

Por fim, a articulação entre neurociência, psicologia e pedagogia tem se mostrado fundamental para compreender o TOD em sua complexidade. A interdisciplinaridade permite que estratégias educativas sejam construídas de forma integrada, envolvendo não apenas o professor, mas também a família, os profissionais de saúde e a comunidade escolar. Essa abordagem amplia as possibilidades de intervenção e favorece o desenvolvimento integral dos estudantes, em consonância com os princípios da BNCC.

3. ESTUDO DE CASO COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: PERFIL E TRAJETÓRIA ESCOLAR DO ESTUDANTE

Refletir, produzir e analisar criticamente uma temática de estudo constitui um desafio significativo e, ao mesmo tempo, complexo. Como destaca Minayo (1994, p. 16), a metodologia de uma pesquisa deve oferecer um instrumental claro, coerente e bem elaborado, capaz de transformar os impasses teóricos em possibilidades práticas. Nesse sentido, optou-se pelo delineamento de estudo de caso, por permitir uma investigação aprofundada e contextualizada de uma realidade específica, favorecendo a compreensão das singularidades que emergem no processo educativo. Os estudos de caso, como estratégia metodológica podem

(...)ser usados em avaliação ou pesquisa educacional para descrever e analisar uma unidade social, considerando suas múltiplas dimensões e sua dinâmica natural. Na perspectiva das abordagens qualitativas e no contexto das situações escolares, os estudos de caso que utilizam técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas possibilitam reconstruir os processos e relações que configuram a experiência escolar diária. (ANDRÉ, 2013, p. 97)

O estudo de caso adotado nesta pesquisa possibilita compreender em profundidade os

desafios e as estratégias desenvolvidas em uma escola da rede regular de ensino que atende estudantes diagnosticados com Transtorno Opositor Desafiador (TOD). Esse delineamento favorece a análise das práticas pedagógicas e das relações sociais estabelecidas no ambiente escolar, permitindo uma visão contextualizada da realidade investigada.

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, considerando que os fenômenos relacionados ao TOD em contexto escolar exigem uma análise detalhada das práticas pedagógicas e das interações sociais. O objetivo foi interpretar significados e experiências vivenciadas por professores e pelo estudante, reconhecendo a complexidade da inclusão escolar e a necessidade de compreender os impactos dessa neurodivergência na dinâmica pedagógica.

Ao abordar o Transtorno Opositor Desafiador (TOD), emergem inúmeros desafios e dificuldades enfrentados no contexto escolar, que repercutem tanto na aprendizagem quanto na convivência social. A sala de aula, em constante transformação, reflete os movimentos em direção à educação inclusiva e à garantia dos direitos de aprendizagem de todos os estudantes. Embora não seja tarefa simples para os docentes, torna-se possível em um contexto interdisciplinar, sustentado por uma rede de apoio pedagógica e terapêutica que envolve família, escola e comunidade. O objetivo central é reconhecer cada sujeito em suas singularidades, inserido em um contexto plural, de modo a assegurar que todos alcancem suas possibilidades sem barreiras.

7

Neste estudo de caso, apresentamos o estudante denominado P., de nove anos, matriculado no quarto ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal localizada na zona rural. A instituição atende turmas multisseriadas, da Educação Infantil ao quinto ano, e P. frequenta a escola desde a pré-escola. Sua família é composta por pai, mãe, avó e irmã, com nível socioeconômico razoável. Tanto ele quanto a irmã permanecem na escola em tempo integral, participando de oficinas no turno da manhã e de aulas regulares no turno da tarde, o que exige grande esforço das crianças.

Desde a Educação Infantil, P. demonstrava comportamentos de difícil manejo, como resistência à interação com colegas e dificuldade em aceitar regras e limites. Com o avanço das etapas escolares, tais características se intensificaram, chamando a atenção dos profissionais da instituição. No segundo ano do Ensino Fundamental, a escola encaminhou o estudante ao Núcleo de Atendimento Especializado (NAE), onde foi realizada avaliação neuropsicológica que confirmou o diagnóstico de TOD. A avaliação recomendou acompanhamento psicomotor

e psicoterapia, mas houve resistência da criança e da família, que optou por suspender os atendimentos. Essa postura evidencia a dificuldade dos pais em compreender o diagnóstico e em aceitar adaptações na rotina escolar propostas para amenizar o sofrimento do estudante nas interações sociais.

No terceiro ano, a escola sugeriu consulta com neurologista, realizada no início do quarto ano. O profissional identificou transtorno de conduta opositor associado ao TDAH, prescrevendo medicação (Metilfenidato), embora sem emissão de laudo formal para a escola. Atualmente, P. está em acompanhamento no NAE, recebendo atendimentos em psicopedagogia e psicomotricidade, além de acompanhamento particular com neurologista.

4. RESULTADOS DO ESTUDO DE CASO: CONDUTA E TRAJETÓRIA ESCOLAR DE P.

“olha ele” ou “tá me provocando”.

(áudio transcrito pela professora, 2024)

Iniciamos as análises com essas expressões recorrentes do estudante para demonstrar que, no dia a dia da escola, ele apresenta atitudes de contradição e respostas negativas, tanto em relação às atividades propostas quanto ao relacionamento com colegas e profissionais. P. frequentemente provoca determinados colegas, assumindo uma postura de autoridade quando deseja atenção e não a recebe. Para chamar a atenção, coloca-se em cima das mesas, retira materiais e repete frases colocadas na epígrafe desta seção. Também demonstra preocupação excessiva com o que os outros fazem, mesmo em momentos em que não precisaria se ocupar dessas questões, utilizando tais atitudes como forma de centralizar o foco em si. Além disso, exige que tudo seja realizado de forma “certinha” e conforme o combinado, desorganizando-se emocionalmente quando há desvios na rotina ou nos horários, o que torna a gestão da sala de aula especialmente difícil.

O estudante apresenta ainda comportamentos de agressividade contra si e contra os outros, além de destruição de objetos e materiais escolares, como cartazes e livros. Esses episódios ocorrem repetidamente e geralmente estão relacionados à aceitação ou negação de pequenos fatos que, para a maioria dos colegas, não têm relevância, mas que para P. assumem grande importância. Ainda com os relatos dos profissionais envolvidos nos atendimentos de P. e as observações realizadas em ambiente escolar foi possível perceber a presença dos seguintes

comportamentos:

- 1) Agressividade; 2) Dificuldade em aceitar regras; 3) Desafio a figuras de autoridade.
- 4) Não aceita responsabilidade pela sua má conduta; 5) Incômoda propositalmente seus colegas e perde o facilmente o controle da situação se ela não ocorre como deseja e, 6) Frustração em situações de fracasso. (FIGUEREDO, 2015, p.7)

Esses elementos, presentes de forma recorrente em sua rotina escolar, demonstram a complexidade do Transtorno Opositor Desafiador e reforçam a necessidade de estratégias pedagógicas e terapêuticas específicas, capazes de minimizar os impactos dessas manifestações tanto em seu processo de aprendizagem quanto na dinâmica coletiva da sala de aula. Em contrapartida, observa-se que demonstra alegria em atividades como futebol e ping-pong durante o recreio, além de interesse pelas aulas de violino e pelas práticas de desenho e montagem de quebra-cabeças, revelando potencialidades que podem ser exploradas pedagogicamente.

No campo acadêmico, P. apresenta avanços em Língua Portuguesa, aceitando realizar tarefas com apoio de colegas e desenvolvendo pequenos textos com coerência e ortografia adequada. Sua leitura é fluente em atividades coletivas, mas em momentos de leitura individualizada torna-se inquieto e disperso, comprometendo o aproveitamento. Demonstra gosto pela leitura digital, embora apresente variações de humor que interferem em sua dedicação às atividades. Em Matemática, evidencia maior resistência, conseguindo compreender até o número 100 e a noção de dezena e unidade, mas recusando-se a aceitar que 100 corresponde a uma centena. Nas operações que exigem organização de unidades e dezenas, manifesta irritação, sai da sala ou implica com colegas, chegando a necessitar retirada do ambiente.

Os profissionais que convivem com P. relatam que algumas estratégias funcionam diante de sua conduta, como a indiferença frente às negações e a comunicação objetiva, sem questionamentos adicionais. Em alguns momentos, essa postura leva o estudante a retomar o interesse pela atividade, mas em outros ele exige atenção imediata, tornando-se irritado e gerando transtornos na sala. Nessas situações, não aceita conversar sobre o que sente ou o que o incomoda. A aula acontece com mais sucesso quando há alguém disponível para responder prontamente às suas dúvidas, evitando crises. P. necessita de atenção direcionada e demonstra impaciência quando a professora atende outros colegas ou se dirige ao grupo. Quando precisa falar espontaneamente ao coletivo, não consegue manter o foco e não apresenta opiniões sobre os temas discutidos.

Considerando o relato, identificamos uma das principais características do Transtorno Opositor Desafiador: a inquietação constante, o andar de um lado para o outro e a dificuldade em permanecer sentado e concentrado. Essa característica compromete não apenas seu aprendizado, mas também o dos colegas, além de sobrecarregar os professores, que enfrentam variações de humor e conduta que dificultam a execução do planejamento pedagógico. Essa rotina diária pode trazer consequências para a saúde física e mental dos docentes, reforçando a necessidade de uma rede de apoio com orientações pedagógicas específicas e recursos humanos suficientes para garantir que a sala de aula seja, de fato, um espaço de aprendizagem para todos.

Além das características apresentadas até o momento no relato da profissional entrevistada, bem como, nas próprias respostas explanadas por P. e nas observações realizadas em seu cotidiano escolar, é possível evidenciar demais características de comportamento, segundo DSM5,

ao longo de um período mínimo de seis meses, o paciente deve apresentar pelo menos quatro dos sintomas separados nas categorias a seguir, nos quais se observa uma tendência vingativa, desafiadora/ questionadora ou um humor irritável/ raivoso quando se relaciona com outra(s) pessoa(s) que não seja(m) seu(s) irmão(s). Se a criança tiver menos de 5 anos, estes sintomas devem estar presentes “na maioria dos dias”. Porém, se tiver mais de 5 anos, a frequência mínima é de 1x/semana. Características relacionadas ao humor: raiva/ressentimento; sensibilidade ou incomodado com facilidade; perda da calma. Características desafiadoras/questionadoras: culpa os outros por seu comportamento ou erros; questiona figuras de autoridade; incomoda os outros de propósito; não obedece a pedidos ou regras ou desafia de propósito. Característica vingativa: ao longo de seis meses se comportou pelo menos duas vezes de forma vingativa ou maldosa. (DSM-5, 2014, p. 463)

Esses elementos, quando analisados em conjunto, demonstram que o estudante não apenas se enquadra nos critérios diagnósticos, mas também apresenta um padrão de conduta que compromete significativamente sua aprendizagem e o convívio social.

É importante ressaltar que tais comportamentos não podem ser compreendidos apenas como indisciplina ou falta de limites, mas como manifestações de uma condição neuropsicológica que exige atenção especializada. Crianças com TOD, como P., necessitam de intervenções que ultrapassem as adaptações pontuais em sala de aula, demandando uma rede de apoio estruturada e articulada entre escola, família e profissionais da saúde. O trabalho interdisciplinar torna-se essencial para atenuar os sintomas, identificar os fatores desencadeadores das crises e propor estratégias de manejo que favoreçam tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o socioemocional. Sem esse suporte, há o risco de

agravamento do quadro, com impactos não apenas para o estudante, mas também para seus colegas e professores, que enfrentam sobrecarga emocional e dificuldades na condução das atividades pedagógicas. Assim, compreender o TOD sob a perspectiva clínica e educacional é fundamental para garantir práticas inclusivas e preventivas, capazes de transformar a sala de aula em um espaço de aprendizagem efetiva para todos.

4.1 Estratégias para atendimento do estudante no contraturno

Um estudante com Transtorno Opositor Desafiador (TOD) necessita de atenção diferenciada, pois sua condição exige uma relação pautada pela calma, paciência e acolhimento. Trata-se de crianças ou jovens que, em muitos casos, já carregam baixa autoestima e sentimentos de inferioridade, decorrentes das dificuldades enfrentadas no contexto escolar e das constantes situações de conflito. Quando submetidos às mesmas cobranças e exigências aplicadas de forma homogênea aos demais colegas, tendem a reagir negativamente, tornando-se agressivos ou profundamente frustrados. Por isso, é essencial que o atendimento no contraturno seja pensado como um espaço de apoio, onde o estudante se sinta seguro, valorizado e compreendido.

Nesse sentido, o papel do professor é fundamental. Mais do que aplicar conteúdos, cabe ao educador assumir uma postura de suporte emocional, transmitindo ao estudante a sensação de que há alguém disposto a ajudá-lo e a reconhecer suas potencialidades. Embora seja desafiador manter a paciência diante das constantes manifestações opositoras, é preciso lembrar que tais comportamentos são formas de expressão de uma criança que busca ser ouvida e compreendida. O trabalho pedagógico, portanto, deve ter como objetivo não apenas modificar condutas, mas também criar oportunidades para que o estudante desenvolva habilidades socioemocionais e acadêmicas em um ambiente menos pressionado.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE), realizado no contraturno, pode se tornar um espaço privilegiado para esse processo. É nesse momento que o professor pode desenvolver estratégias de acolhimento, observando os fatores que desencadeiam a agressividade e a desorganização do estudante. Metodologias baseadas em jogos e atividades lúdicas, como quebra-cabeças — que P. aprecia bastante —, podem ser utilizadas para trabalhar aspectos como ganhar e perder, esperar a vez, ouvir o outro, responder e perguntar, escolher e permitir. Essas práticas funcionam como preparação para o convívio em sala de aula, ajudando

o estudante a lidar com frustrações, a respeitar regras e a compreender que o processo de aprendizagem envolve desafios e superações.

Além das ações pedagógicas, é indispensável considerar o papel das terapias complementares. P. já participa semanalmente de atendimentos em psicomotricidade e psicopedagogia, que contribuem para seu desenvolvimento motor e cognitivo. No entanto, preocupa a ausência de acompanhamento psicoterápico, uma vez que, conforme Serra-Pinheiro, Schmitz, Mattos e Souza (2004), é essencial verificar se as estratégias terapêuticas adotadas são eficazes para reduzir os riscos de longo prazo do TOD, especialmente sua evolução para Transtorno de Conduta (TC). A psicoterapia, nesse contexto, poderia oferecer um espaço seguro para que o estudante elaborasse suas emoções, aprendesse a lidar com frustrações e desenvolvesse estratégias de autorregulação.

Reconhecemos que a família demonstra resistência em relação à psicoterapia, mas é papel da escola e dos profissionais envolvidos insistir na importância desse acompanhamento. O olhar clínico de um psicólogo pode trazer novos direcionamentos e fortalecer as demais ações pedagógicas já em andamento. A articulação entre escola, família e profissionais da saúde é, portanto, indispensável para garantir que o estudante receba o suporte necessário e tenha maiores chances de desenvolver-se de forma saudável, tanto no aspecto acadêmico quanto socioemocional (Arantes et al. 2024). O contraturno, nesse sentido, não deve ser visto apenas como um espaço de reforço escolar, mas como um ambiente de intervenção integral, capaz de promover aprendizagens, vínculos e possibilidades de transformação.

4.2 Orientações para a elaboração do pei pelo(a) professor(a) da sala de aula inclusiva

Supõe-se que a promoção de aprendizagens que estimulem o desenvolvimento socioemocional, combinado ao cognitivo, possam colaborar para que o estudante com TOD possa desenvolver habilidades de ensino e de aprendizagem. Por isso, ousamos planejar estratégias em conjunto com outras áreas de atuação, para efetivamente melhorar o desempenho dos estudantes com a neurodivergência estudada.

Uma das responsabilidades do professor da sala do AEE – Atendimento Educacional Especializado é a orientação ao professor da sala de aula, na qual o estudante está incluído, para a elaboração do PEI (Plano de Ensino Individualizado). Observando o que diz a resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009, que institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento

Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

Art. 13. São atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado: IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola; VI – orientar professores

e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo

aluno; VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação; III

– estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares. (BRASIL, 2009, p. 3)

O Plano de Ensino Individualizado (PEI) é compreendido como uma proposta de organização curricular que orienta a ação pedagógica do professor e possibilita o desenvolvimento de habilidades ainda não consolidadas pelo estudante. Trata-se de um instrumento que estabelece estratégias de planejamento escolar individualizado, contemplando as necessidades específicas do aluno e prevendo processos contínuos de avaliação e revisão. Mais do que um documento formal, o PEI representa os objetivos que se têm para o estudante em sala de aula, funcionando como guia para a criação de estratégias que promovam a aprendizagem e tornem o conteúdo acessível de acordo com o potencial e o nível de desenvolvimento de cada sujeito, favorecendo, assim, o sucesso escolar.

13

A elaboração do PEI deve ser realizada pelo professor regente em parceria com a equipe pedagógica, a família, o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e demais especialistas que acompanham o aluno fora da escola. Essa articulação garante que diferentes perspectivas contribuam para o desenvolvimento integral do estudante. Para que o planejamento seja efetivo, o professor precisa conhecer profundamente as necessidades e o nível de aprendizagem do aluno, identificar os recursos pedagógicos que serão necessários e compreender quais atividades ele consegue realizar com autonomia, quais exigem apoio e em quais áreas será preciso investir maior aprofundamento, assegurando que não haja exclusão e que o estudante tenha oportunidades semelhantes às dos colegas.

O PEI também favorece a criação de vínculos entre professor e aluno, já que exige um olhar atento às preferências, interesses e modos de agir do estudante. Conhecer o que ele gosta de fazer, observar suas atitudes e interpretar suas necessidades, mesmo quando não

verbalizadas, permite aproximar o planejamento pedagógico de resultados mais positivos e significativos. O primeiro passo para a elaboração do PEI é, portanto, conhecer o aluno em sua totalidade: sondar suas habilidades e inabilidades, compreender seu funcionamento orgânico a partir de diagnósticos e pareceres clínicos, analisar seu modo de ser e agir e identificar os problemas que enfrenta. A partir desse levantamento, o professor formula o diagnóstico pedagógico, que envolve dimensões cognitivas, socioafetivas e psicomotoras.

Com base nesse diagnóstico, são definidos os objetivos pedagógicos, considerando as habilidades já adquiridas e aquelas que precisam ser desenvolvidas, de modo a ampliar gradualmente o repertório do estudante. No caso de alunos com Transtorno Opositor Desafiador (TOD), como P., o PEI deve prever estratégias específicas que respeitem suas características, permitindo que seja atendido junto aos demais colegas, mas com acompanhamento diferenciado. Isso inclui o apoio constante de uma auxiliar que utilize a mesma linguagem do professor e siga suas orientações, além de detalhar como os materiais serão disponibilizados em sala, a organização do espaço físico, os combinados sobre a rotina diária, os atendimentos no contraturno quando necessários e a forma de realização das tarefas. É fundamental garantir que o estudante esteja consciente do que foi acordado, pois a previsibilidade e a clareza das regras são elementos essenciais para sua organização emocional e para a promoção de aprendizagens significativas.

14

Muitos dos combinados estabelecidos em sala de aula precisam ser constantemente aprimorados com o apoio da família e da equipe pedagógica, que devem estar plenamente conscientes das estratégias utilizadas pela professora. Esse alinhamento garante que todos os envolvidos no processo educativo sigam as mesmas orientações, aumentando as chances de alcançar resultados positivos. O apoio da família torna-se evidente em situações específicas, como nos momentos em que P. elogia a professora, quando o pai estabelece diálogo com a equipe escolar ao final das aulas ou quando o estudante realiza as atividades com um tom de voz diferente, revelando maior aceitação às propostas apresentadas. Esses episódios demonstram que o trabalho conjunto entre escola e família, aliado a metodologias variadas e estratégias contextualizadas, constitui um fator decisivo para o sucesso da aprendizagem, uma vez que a conduta de P. se modifica conforme a postura dos adultos de seu convívio.

Na avaliação do estudante, é fundamental considerar aspectos amplos e integrados, como suas potencialidades e dificuldades, percepção visual e auditiva, atenção, concentração,

memória, linguagem, raciocínio, função motora e dimensões emocionais, afetivas e sociais. O Plano de Ensino Individualizado (PEI), nesse sentido, não pode ser entendido como um processo acabado ou definitivo, mas como um instrumento dinâmico, sujeito a reestruturações sempre que necessário. A reavaliação contínua permite ajustar estratégias e objetivos às necessidades emergentes do aluno, garantindo maior efetividade no processo de ensino e aprendizagem. Para completar o PEI, deve-se anexar um relatório detalhado das aprendizagens de P., registrando suas conquistas, reações, dificuldades e formas de resposta às estratégias propostas pela equipe pedagógica. Esse documento não apenas sistematiza o percurso escolar do estudante, mas também serve como referência para futuras intervenções, fortalecendo a articulação entre professores, família e demais profissionais envolvidos em sua formação.

4.3 Adaptação Curricular

A adaptação curricular constitui uma tarefa fundamental do professor da sala de aula, sendo diretamente vinculada ao Plano de Ensino Individualizado (PEI). Embora seja responsabilidade do docente regente, o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) desempenha papel essencial ao orientar e estimular a organização das ações pedagógicas, garantindo que as necessidades específicas do estudante sejam contempladas. Trata-se de um processo que não apenas busca soluções para favorecer a inclusão escolar, mas também potencializa a aprendizagem de todos os alunos, ao propor um currículo flexível e responsivo às diferentes formas de aprender.

O ponto de partida para a adaptação curricular deve ser o interesse do estudante, considerando personagens, temas ou preferências que despertem sua atenção e motivação. A partir desse eixo, o professor deve refletir sobre três questões centrais: o que ensinar, como ensinar e com quais recursos ensinar. Essa reflexão orienta a elaboração de estratégias que tornam o conteúdo mais acessível e significativo, respeitando o ritmo e as particularidades de cada aluno.

Entre as estratégias possíveis, destacam-se: simplificação do vocabulário, redução da quantidade de tarefas sem comprometer os objetivos de aprendizagem, uso de recursos visuais de apoio, disponibilização de modelos de atividades, organização clara do espaço na folha para facilitar a leitura, além da atenção à nitidez das imagens e da escrita. Essas medidas visam eliminar barreiras que dificultam a realização das atividades, promovendo efetivamente a

inclusão. Mais do que adaptar, trata-se de criar condições para que o estudante participe ativamente do processo de aprendizagem, interagindo com seus colegas e desenvolvendo suas potencialidades.

A adaptação curricular, portanto, deve ser compreendida como um processo dinâmico e flexível, capaz de reorganizar o currículo sem descaracterizá-lo, mas ajustando-o às necessidades individuais. Ao garantir que o estudante com Transtorno Opositor Desafiador (TOD), como P., possa interagir com seus colegas em igualdade de condições, o professor contribui para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, na qual todos têm oportunidades de aprender e se desenvolver.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, das rotinas analisadas e da pesquisa realizada, foi possível compreender de maneira mais aprofundada as características do Transtorno Opositor Desafiador (TOD) e identificar os comportamentos manifestados pelo estudante P. em sua rotina escolar. A partir dessa análise, tornou-se viável organizar ações pedagógicas e socioemocionais que possam potencializar o desenvolvimento cognitivo e afetivo do estudante, tanto no espaço da escola quanto em suas interações sociais. O estudo de caso evidenciou não apenas os desafios enfrentados no cotidiano escolar, mas também as possibilidades de intervenção que podem contribuir para a construção de um percurso de aprendizagem mais significativo e inclusivo.

A pesquisa apresentou o caso de P. em sua complexidade, destacando os comportamentos observados em sala de aula, a conduta da família e o papel dos profissionais da escola. Foram identificadas práticas já existentes e sugeridas alternativas mais adequadas para qualificar o processo de ensino e aprendizagem. Entre os aspectos mais relevantes, destaca-se a importância de respeitar o tempo do estudante na escola. O estudo demonstrou que a permanência em turno integral pode ser excessivamente desgastante, afastando-o de uma rotina saudável e comprometendo sua tolerância às propostas pedagógicas. Em contrapartida, um tempo reduzido e mais objetivo de permanência escolar poderia favorecer maior aproveitamento das atividades, com foco no que realmente precisa ser aprendido e consolidado.

Ficou evidente, ainda, que o impacto das emoções no processo de ensino e aprendizagem exerce papel decisivo no desempenho escolar do estudante. O manejo adequado das situações

depende da atuação dos profissionais e da capacidade de trabalharem em equipe, utilizando a mesma linguagem, alinhando objetivos e compartilhando um propósito pedagógico comum. Observou-se que P. responde melhor quando recebe orientações de poucas pessoas, pois múltiplos comandos simultâneos desorganizam sua rotina e intensificam sua agitação. Nesse sentido, a presença de uma professora referência, acompanhada de uma auxiliar ou monitora que trabalhe em sintonia, mostra-se fundamental para garantir estabilidade emocional, respeito às suas características individuais e, ao mesmo tempo, estímulo ao enfrentamento de desafios dentro de seus limites de tolerância.

Assim, conclui-se que o caso de P. reforça a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, planejadas de forma interdisciplinar e articuladas com a família, capazes de promover não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o desenvolvimento socioemocional. O estudo evidencia que a escola, quando organizada para atender às singularidades do estudante com TOD, pode se tornar um espaço de acolhimento, crescimento e transformação, reafirmando o compromisso com uma educação que respeita as diferenças e valoriza as potencialidades de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5ª ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.; A. V. Cordioli, Rev. téc.). Porto Alegre: Artmed.
- André, M. (2013). O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 95–103.
- Arantes, P. T. de A., Mosquetta, D. B., Prearo, E. V., Lauriano, J. E. de G., & Sabbadini, B. F. (2024). Transtorno de conduta e transtorno opositor desafiador: Abordagens psicossociais e farmacológicas na intervenção e tratamento de comportamentos desafiadores. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(10), 1478–1483. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i10.16007>
- Brasil. Ministério da Educação. (2009). *Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009: Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial*. http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceboo4_09.pdf
- Brasil. Ministério da Educação. (2017). *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>
- Figueiredo, F. P. de. (2015). Contribuição dos manuais diagnósticos para a avaliação e o tratamento do transtorno opositor desafiador na infância: A importância da topografia através

de um estudo de caso. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 17(1), 4–10.

Gomes, I. C. S. T., Silva, D. M., & Pires, L. S. (2025). Entre um laudo e uma lei: Um estudo de caso de Transtorno Opositor Desafiador (TOD). *Revista Direito e Práxis*, 16(4). <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2025/91811>

Machado, L. C., Osório, N. B., Silva Neto, L. S., de Jesus, D. L. N., de Santana, W. V., Sera, E. A. R., Lima, C. S. L., Santana, L. S. B., de Alvarenga, F. V., da Silva, R. C. L., Santos, V. H. da S., de Lira, V. F., Pires, S. P. de S., Borges, S. M., Souza, L. P. de A., Meneses, K. O., de Amorim, O. S. G., Fernandes, K. da S., Trindade, G. R., ... Marques, M. S. da S. (2025). Formação de professores: Desgaste emocional e ausência de políticas de cuidado com os docentes. *Aracê*, 7(8), e7087. <https://doi.org/10.56238/arev7n8-027>

Minayo, M. C. de S. (1994). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (21ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Serra-Pinheiro, M. A., Schmitz, M., Mattos, P., & Souza, I. (2004). Transtorno desafiador de oposição: Uma revisão de correlatos neurobiológicos e ambientais, comorbidades, tratamento e prognóstico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(4), 273–276. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462004000400013>

Utzig, S. M., Castro, C. J., Dias, M. A. M. B., & Balk, R. S. (2022). Estratégias educacionais para promover a interação social de crianças com Transtorno Opositor Desafiador (TOD) no âmbito escolar: Uma revisão integrativa de literatura. *Revista Inter-Ação*, 47(1), 1–20. <https://doi.org/10.5216/ia.v47i1.71370>